

E se (com) vivêssemos todos juntos? Ensaio sobre a história do tempo presente

Karl Schurster¹

Resumo: Este ensaio tem por objetivo um estudo teórico sobre o campo disciplinar da história do tempo presente apresentando algumas reflexões sobre a prática de quem se debruça nessa tarefa. Um dos aspectos principais desse texto é fazer uma análise sobre a relação entre as diversas faces das teorias da história tentando compreendê-las sob o viés comparativo dos usos e abusos da história. O motivo condutor que percorre esse ensaio é a arte de envelhecer. Procuramos estabelecer relações entre as teorias da história e como as mesmas ‘envelhecem’ no campo historiográfico. Assim, começamos o texto trazendo para o debate as definições de explicação e compreensão através da filosofia da história e em seguida entramos no campo da análise histórica da teoria propriamente dita no intuito de esclarecer tanto os caminhos do tempo presente quanto suas interseções com outras áreas de estudo.

Palavras-chave: Tempo Presente. Teoria da História. Filosofia da História.

Abstract: This essay is a theoretical study of the discipline of the history of this time presenting some reflections on the practice who focuses on this task. A key aspect of this paper is to analyze the relationship between various aspects of the theories of history trying to understand them in a comparative outlook of the uses and abuses of history. The leitmotif that runs through this essay is the art of aging. Seek to establish relationships between theories of history and how the same 'age' the historiographical field. So we started bringing the text to debate the definitions of explanation and understanding through the philosophy of history, and then entered the field of historical analysis of the theory itself to clarify both ways this time as their intersections with other areas of study.

Keywords: Present Time. Theory of History. Philosophy of History.

Artigo recebido em 28/06/2014 e aprovado em 02/07/2014.

E SE (COM) VIVÉSSEMOS TODOS JUNTOS? ENSAIO SOBRE A HISTÓRIA DO TEMPO
PRESENTE

KARL SCHURSTER

*E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá.*

Arnaldo Antunes.

Há mais de um século a historiografia alemã vem debatendo sobre a distinção entre duas expressões muito corriqueiras no ofício do historiador: *erklärung* (explicação) e *verständnis* (compreensão). Aparentemente próximas, mas com sentidos autônomos e plurais. Explicar, proveniente do latim *explicare*, tem como significado próprio o fazer conhecer, o tornar inteligível. Neste sentido, uma *erklärendetheorie* (teoria explicativa) teria como principal objetivo dar inteligibilidade aos seus objetos tirando-os das zonas de obscuridade, tentando torná-los menos turvos, embaçados. Explicar é, em larga medida, dar sentido, é constituir o objeto, é fundá-lo de forma primária, é o sopro inicial de constituição do objeto para si. Compreender, do infinitivo latino *comprehendere*, carrega intrinsecamente a ideia de encerrar em si, de abrangência, de inclusão de percepções. Assim, uma *theoretisches verständnis* (compreensão teórica) estaria diretamente relacionada a uma tentativa universalizante do ato de conhecer. Se a explicação funda o objeto para si, a compreensão tem a função de juntar as mais variadas formas de fundação deste objeto com o intuito de encerrá-lo também para si. Portanto, compreender, para a epistemologia, está longe de significar um aprisionamento de sentido, mas, ao contrário, se dedica em reconhecer a adaptabilidade dos *tipos ideais* (Max Webber), tentando encontrar os desvios (*abweichungen*) que a compreensão oferece quando tentamos apreender algo.

Um leitor atento estaria se perguntando depois deste parágrafo inicial qual o objetivo deste texto? Porque iniciar com uma discussão tão etimológica se o sopro inicial de vida deste texto – seu título – é uma pergunta que urge por uma explicação mais detalhada sobre sua natureza? A motivação que nos moveu a sentar e transformar pensamentos em narrativa foi o impacto causado em nós por uma película dirigida por Stéphane Robelin, *E se vivéssemos todos juntos?*¹¹ (*Et si on vivait tous ensemble?*).

Há algum tempo nos dedicamos aos estudos de teoria da história e de historiografia com o intuito de melhor *compreender* as ferramentas que este campo oferece para o dia-a-dia do historiador e foi neste aspecto que este filme nos provocou a refletir sobre a história e o tempo presente. Vamos, *pari passu*, construir historicamente a relação entre a película e a teoria para tentarmos encaminhar alguns lampejos sobre o ato de envelhecer.

Um dos motivos centrais da opção de ir ao cinema foi, sem dúvidas, rever a atriz Jane Fonda (A Barbarella de Roger Vadim, 1968). Lembro perfeitamente que comprei o ingresso sem nem saber o *leitmotiv* (motivo condutor) do filme. O que queria mesmo era ver a elegância e a sutileza de uma atriz que certa vez me foi apresentada como uma *redundância de mulher*. Enquanto esperávamos na fila do cinema, o cartaz do filme me chamara a atenção pelo elenco que compunha a película. Nomes como Geraldine Chaplin (marcado em nossa memória pela personagem Tonya em *Dr Jivago* de 1965 e

KARL SCHURSTER

Mrs. Welland em *A época da inocência*, dirigido por Martin Scorsese em 1993), Claude Rich (impossível de esquecer seu brilhante personagem o General Leclerc no fundamental filme construtor do mito gaulista *Paris está em chamas?* de René Clément - 1966) e o jovem Daniel Brühl, ou para minha geração apenas *Alex*, do filme de Wolfgang Becker, *Adeus, Lênin!*

Uma hora e trinta e seis minutos depois de iniciada a sessão fomos reflexivamente levados ao motivo condutor da película: Como envelhecer? Esse questionamento nos direcionou quase que instantaneamente para a teoria da história. Assim que terminou a exibição uma das primeiras inquietações que nos veio a mente foi como a teoria da história lidou com o "envelhecer"? Qual o sentido desse "envelhecimento"? Sentido não só do viés da interpretação psicológica, mas também na carne, no corpo. O ex-titãs Arnaldo Antunes tinha razão quando falou que "a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer" e continua "(...) não quero morrer, pois quero ver como deve ser envelhecer." Além desse pensamento ser pertinente a película a qual nos referimos, também é de fundamental importância para (re) pensarmos as teorias da história e seus postulados. Tal qual no filme e na música *envelhecer* está intimamente ligada a experiência. O envelhecimento carrega consigo as marcas de um mundo vivido, as rugas como marcas indeléveis do tempo que expõe ao presente a impossibilidade de esquecer o passado. Cada ruga uma história, em cada história uma memória e na memória as marcas do tempo, de um tempo que não para de correr, afinal, dentro do tempo há mais tempo (Cecília Meireles - O romanceiro da inconfidência - que por sinal acabou de ser relançado).

A história e os discípulos de *Clio*, os historiadores, construíram seus próprios postulados, seus corolários, suas visões de mundo. Nossa questão aqui não é propriamente seus axiomas ou teses, mas como as mesmas lidaram com o *envelhecimento*, com uma marca pouco sensível para quem faz a teoria, quem a fabrica, a tece, mas muito sensível para quem usa e abusa dela. Uma das questões mais centrais da teoria da história logo que os *Annales* franceses sistematizaram um conhecimento histórico categoricamente revolucionário era de como ler o novo século (XX) por métodos que abarcassem as preocupações do novo século e não mais do século XIX. Acreditamos que a avalanche na historiografia causada por esse grupo de intelectuais franceses (sem retirar a influência do historiador Belga Henri Pirenne) está muito mais na metodologia do que na teoria propriamente dita. Não foi possível abandonar o século XIX teoricamente. Beber na sociologia tanto durkheimiana quanto webberiana foi fundamental. A influência direta na escrita da história da obra de Michelet foi inegável. Teoricamente o envelhecimento é o processo de experiência pelo qual os postulados vão sendo maturados conforme suas aplicações. A experiência não está ligada ao tempo que passa, mas ao tempo que se vive. Neste sentido, a teoria que melhor envelhece é a que melhor absorve as experiências das marcas dos diversos presentes que a leem. Não faz muita diferença se falamos do historicismo, do positivismo, do marxismo, do culturalismo, da história social, todas, em alguma medida, envelheceram. A diferença está em como cada uma envelheceu, em como cada uma lidou com suas próprias

KARL SCHURSTER

experiências e como o tempo presente foi dando a cada uma delas novos formatos, novas dinâmicas, novas formas de vida, sem, contudo, apagar as rugas deixadas pelo desgaste natural do tempo. Ainda parafraseando Arnaldo Antunes, "felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr (...), Eu quero viver para ver qual é, e dizer venha para o que vai acontecer".

A história é, por excelência, um constructo de temporalidades e o historiador um artesão do tempo. A filósofa alemã Hannah Arendt nos disse que "endireitar o tempo significa renovar o mundo". Neste sentido, a história do tempo presente se localiza como uma constante renovação do mundo, da percepção que temos, criamos e forjamos para o mesmo. Endireitar o tempo é dar ordem ao caos, é tornar legível aos olhos do povo o que apenas foi legível para alguns. É ampliar os espaços de sociabilidade chamando os indivíduos para pensarem com a história e não ela em si. Todo historiador deve partir de um mesmo olhar: o humanismo. E, é com esta visão que podemos pensar a história do tempo presente, como, acima de tudo, um humanismo. Suas preocupações transcendem o âmbito das instituições e das hierarquias. A história do tempo presente endireita não endireitando, ela dá forma deformando, dá sentido retirando o sentido. Seus traços são os mais variáveis possíveis. Não há regra rígida, não há método fixo. Há sim, uma teoria crítica que nos faz estranhar o cotidiano como algo dado e natural. A função do historiador do tempo presente é dar inteligibilidade ao tempo, fazendo aparecer os mais diversos tempos e com isso ampliando as falas, os olhares, as histórias.

O filósofo francês Jean Paul Sartre nos fez uma condenação: condenou-nos a ser livre. Com Sartre sentimos a liberdade como uma epidemia (*As moscas*) que contamina a si e a todos ao redor. O mesmo Sartre afirmou que não pode haver liberdade em abstrato. Para ele a liberdade é um transcender, ir além de uma realidade dada, um "dizer não", tanto mais forte ela pode brilhar quanto mais escura e insidiosa a opressão que ela desafia. (LIUDVIK, 2005, p. X). É para este ateliê das temporalidades que o filme de Robelin nos convida onde as mais variadas visões de mundo vivem e convivem aprendendo que o diálogo e conflito são parte integrante de qualquer relação que se estabelece, seja no campo dos indivíduos ou, no nosso caso, no campo teórico. Como bem afirmou o historiador inglês Tony Judt é necessário voltarmos a fazer críticas. Elas são construtoras de crises e estas nos levam a repensar nossa própria condição de construtores de certezas.

Annie (Geraldine Chaplin), Jean (Guy Bedos), Claude (Claude Rich), Albert (Pierre Richard), Jeanne (Jane Fonda) são amigos há mais de quarenta anos. Os dois primeiros e os dois últimos casais estão juntos desde quando o grupo se conheceu. Claude, um solteiro convicto que ama amar as mulheres. Uma figura bastante sadiana, galanteadora e apaixonada pelo gozo, pelo sexo como uma autoafirmação da sua condição de indivíduo na sociedade. Claude, marcusianamente falando, representa a relação do *eros com a civilização*. O filme retrata a história destes indivíduos que estão aprendendo a lidar com o processo natural de envelhecimento, com todas as dificuldades psíquicas e físicas que esse estágio da vida nos apresenta. Em meio a uma conversa para comemorar o aniversário, um deles propõe a possibilidade de todos

KARL SCHURSTER

morarem juntos. Naturalmente, essa ideia não foi recebida de forma positiva por todos, inclusive porque apenas Annie e Jean moravam em casa, o que os levaria a serem os anfitriões desta proposta que, em larga medida, assustou a quase todos que viram com esta proposição a possibilidade de perder uma conquista burguesa do mundo moderno: a individualidade. Depois que Claude sofre um acidente e é diagnosticado com um problema coronariano seu filho decide interná-lo numa casa de repouso com pessoas de sua facha etária. Claude possuía uma forma muito singular de expurgar suas pulsões, freudianamente falando: a fotografia. A fotografia representava para Claude o que a caneta representou para o Marquês de Sade: uma forma de materializar o desejo de transformá-lo, como pensou Michel Maffesoli, num instante eterno. Ele quase sempre fotografava as prostitutas com quem saía e suas amantes completamente nuas durante mais de quarenta anos e fazia ele mesmo questão de revelar sua arte. Quando de uma vista de seus amigos a clínica na qual Claude estava morando, os mesmos decidem literalmente tirá-lo do recinto instituindo enfim a ideia de uma república de amigos que decidiram envelhecer juntos e cuidar um dos outros.

É na instituição desta comunidade que as idiossincrasias se tornam mais evidente e que não só as personalidades se tornam mais fortes e presentes, mas também o passado é reinventado e as certezas começam a se transformar em dúvidas. Este caminho trilhado pela narrativa filmográfica nos mostra o quanto temos mais certezas sobre o futuro do que sobre o passado e o quanto o passado trás medo e desconfiança por estar sempre em transformação. Essa relação trazida pelo filme é deveras importante. O inesperado futuro não surpreende, justamente, porque dele se espera o novo, o desconhecido. O problema reside em quando o passado, que sempre foi o mundo de certezas, se transforma numa gaiola de pássaros selvagens com a porta aberta. São essas certezas que a (com)vivência vai quebrar. Neste ponto a relação entre estes amigos de algumas décadas, muito se assemelha com a relação entre as teorias da história. Por que a (com)vivência umas com as outras, teoricamente falando, sempre trouxe mais conflito do que aproximação? A resposta parece ser a mesma que explica os problemas enfrentados na convivência destes amigos: toda certeza que eles tinham sobre suas relações, suas impressões uns dos outros começam a ser abaladas pelo dia-a-dia. Foi como se o real virasse o abstrato, como se *ceci n'était pas une pipe* (isto não fosse um cachimbo - *Magritte*). O desenrolar da história vai nos mostrando passo a passo que a coletividade não pode e nem consegue apagar a individualidade. Ensina que a vivência e a convivência apontam nossas fragilidades, nossas vacâncias, nossas angústias e acaba se transformando em nossa melhor sessão de terapia. Isso acontece diretamente com as teorias da história e suas variadas possibilidades numa mesma temporalidade. A convivência entre elas é fundamental inclusive para que as mesmas continuem existindo e que suas divergências e trilhas distintas são, em verdade, sua maior riqueza. Onde muitos acreditam ser sua fraqueza é onde reside sua força.

Albert (Pierre Richard) é a personagem que trás para a discussão a relação dura e sofrida entre a memória e o esquecimento. Acometido de *Alzheimer* e percebendo as constantes falhas de sua memória, Albert transforma seu cérebro num espaço seletivo

KARL SCHURSTER

onde tenta delimitar o que lembrar e o que esquecer. Devido seus lapsos estarem se tornando cada vez mais constantes, decide anotar num pequeno caderno todas as informações que não pode ou não quer esquecer. Talvez, em realidade, com o passar e o aprofundamento do quadro clínico, Albert nem mais se lembrasse de que possuía um caderno. Albert coloca-o sempre num ambiente visível mesmo na sua não lembrança. Lá, ele faz anotações de bons momentos, bons vinhos que tomou com os amigos e também da dura notícia trazida pelo médico de Jeanne de que seu estado de saúde é grave e que a mesma decidiu pelo não tratamento. “Jeanne mentiu. Ela está muito doente. O médico me disse que ela se recusa a se operar. Ela tem esse direito”. Essa anotação de Albert nos aponta para uma direção existencialista, sartriana do conceito de experiência. De uma forma geral a filosofia definiu a experiência como um conhecimento espontâneo ou vivido, adquirido pelo indivíduo ao longo da vida^{III}, Sartre completou tal análise ao tratá-la como algo intransferível, como algo pessoal onde apenas o indivíduo seria capaz de senti-la, de experimentá-la. Sendo assim, seria impossível sentir dor, alegria, tristeza, ou amor por alguém. Todos estes sentimentos estariam a cargo do indivíduo que os sente, que os fabrica no jogo das relações e que os transforma em experiência vivida. Daí surge a ideia de que a liberdade não é uma simples abstração teórica, mas, acima de tudo, uma experiência que se funda na prática.

Jeanne (Jane Fonda), uma aposentada professora de filosofia, migrada dos Estados Unidos e esposa de Albert, é uma mulher de forte personalidade que carrega consigo um alto grau de culpa e frustração. Culpa por ter traído Albert com seu melhor amigo, Claude, e frustração, por não ter tido coragem para viver sua grande paixão. Jeanne apresenta um grande mal-estar (no sentido psicanalítico) e depois que é diagnosticada com uma grave doença, tendo pouco tempo de vida, o tratamento apenas lhe daria uma sobrevida, essa hiância aumenta levando-a a uma grande reflexão sobre sua vida e como pessoas na sua condição são representadas socialmente. Em vários aspectos, Jeanne nos mostrou estar em sintonia com a obra de Susan Sontag, *A doença como metáfora*, ali, a questão central nunca foi a doença, mas sim como ela era tratada socialmente. A preocupação com o aspecto social da doença a fez esconder o máximo possível seu diagnóstico de amigos e parentes, principalmente de Albert. Sabendo do progressivo esquecimento de Albert devido o *Alzheimer* ela quis poupá-lo de qualquer sofrimento maior. Jeanne viveu a filosofia de forma prática. Fez escolhas, tentou ao máximo aproveitar o sopro de vida que lhe restara, reconfortando-se de que depois de sua partida a comunidade instituída por seus amigos cuidaria de seu marido.

Um dos pontos centrais de sua participação no filme são seus diálogos com o jovem Dirk, personagem de Daniel Brühl. Dirk, aluno de pós-graduação em Paris, estava em plena pesquisa de sua tese de doutorado quando se candidata para ser responsável por passear com o cachorro de Albert diariamente e conhece Jeanne. Num dos passeios de fim de tarde com o cachorro, Dirk e Jeanne dialogam sobre o tema de sua tese e ele explica que trabalha com velinhos aborígenes da Austrália e que necessitaria passar um tempo a fazer pesquisa e coleta de dados *in locu*. Ela pergunta a Dirk, porque não estudar os velinhos na França e com isso ficar perto de sua

KARL SCHURSTER

namorada. Logo ela oferece a comunidade instituída por eles como laboratório para sua tese. Prontamente ele começa a filmar tudo que eles faziam durante o dia e sempre nos fins de tarde sai com Jeanne e o cachorro para passear e conversar sobre a imagem que eles têm de si mesmo ao chegar nesta etapa da vida. Um contínuo exame de autorreflexão. Nessa discussão eles começam a conversar sobre relações sexuais entre pessoas na idade dela. É muito significativo o constrangimento de Dirk, por tratar de tal assunto. Essa atitude dele reafirma a tese de que há um preconceito constituído, *a priori*, quando se fala em sexo na geração que chega a idade de Jeanne. Aqui temos alguns elementos importantes. A pluralidade que constitui a relação entre esses amigos que decidem conviver no mesmo espaço vai, pouco a pouco, mostrando suas vontades, desejos e acima de tudo suas frustrações. Essa convivência não mostra apenas o que se tornaram, mas como, quais as condições que os levaram a trilhar tais caminhos. Se voltarmos ao nosso objeto inicial, a relação entre essa película e a teoria da história, veremos uma interessante semelhança.

Mesmo em campos distintos, ou em mesmos campos, as teorias sempre foram áreas de conflito, zonas de incertezas e de luta por afirmação. Quando uma delas aponta claramente seu campo de atuação e suas chaves conceituais está não afirmando seu lugar de fala, mas está, também, se distanciando das demais, deixando claro aos discípulos de *clio*, quais os caminhos que levaram e possibilitaram sua construção como campo teórico. Quando a história do tempo presente se consolidou, nos anos 1980, como um campo disciplinar, foi gradativamente definindo seu campo de atuação e desenhando teoricamente e metodologicamente seu afastamento do campo da história contemporânea, já consolidado na França e Alemanha. Nesse sentido, uma não apagou a outra, mas quando ambas se consolidam no mesmo espaço acadêmico acabam tornando claro suas distinções no campo de atuação historiográfico. Portanto, mais do que evidenciar uma identidade, a convivência entre distintas, mas próximas das áreas do conhecimento apontam suas diferenças, suas peculiaridades. Está ligado ao que Adorno chamou na dialética negativa de não idêntico, o não eu.

Annie (Geraldine Chaplin) e Jean (Guy Bedos) são casados a muitos anos e moram numa bela casa, num subúrbio rico, cercada por um grande terreno que inclui uma grande e farta horta. Jean é um militante por excelência. Um defensor da política. Porém, de uma defesa política bem atemporal. Sua juventude foi, seguramente, durante a Guerra Fria onde os debates de enfrentamento ideológico foram bastante acirrados e polarizados. Nesse sentido, ele se apresenta como defensor de um comunismo que aparenta no filme estar fora de órbita, mesmo que parte do seu passado ainda seja presente. Quando o filme começa ele está protestando contra a polícia que chega a retirar moradores de um prédio invadido. Sua esposa Annie é uma pacata senhora que deseja enormemente reaproximar a família e ter mais convívio com seus netos que pouco a visitam. Ela também guarda um amor de juventude: Claude. O mesmo que Jeanne. Como sua amiga, não pode viver nem declarar seu amor por Claude, transformando sua paixão num lugar de interdição. Esse casal representa o contraditório, a fusão da ideologia de um homem cujo passado não passa e, nesse

KARL SCHURSTER

sentido, sua militância se estende *ad eternum*, e uma mulher cujo cotidiano e vida aparentam ser previsíveis, sem drásticas alterações. Não vou me adaptar. Essa seria a expressão que melhor definiria Jean no seu tempo presente. Sua vida política foi tão ativa durante a juventude que ele apresentava grande dificuldade em se adaptar ao novo presente que se impunha. Já Annie, que optou pela segurança do casamento já estabelecido, em detrimento das suas pulsões, desejos, acabou trazendo para si o conforto das zonas de certeza. Mesmo que essa zona de conforto tenha se construído com mentiras sinceras, mas, como disse certa vez o poeta, mentiras sinceras me interessam.

Aqui, também temos uma excelente associação com a teoria da história. Jean alude para nós a dificuldade de teorias se adaptarem ao presente que se impõe. As transformações da sociedade implicam que as teorias devem acompanhá-las em suas revoluções moleculares. O grande problema é que para isso a certeza apresentada por seus postulados devem ser questionados, plasticamente dobrados até seu ponto de fissura. Nesse caso, as rachaduras apresentadas na teoria, depois de ter sido dobrada até a exaustão, é entendida como parte integrante do ofício do historiador que ao invés de se dobrar a teoria, modifica-a construindo novas possibilidades, olhares e caminhos. Toda teoria é fruto de um tempo histórico, que por mais que não a determine, demonstra quais as possibilidades de sua existência. Entender que as teorias só existem a luz do tempo e do espaço é dar a elas uma identidade, que não é necessariamente fixa, mas é completa de historicidades.

A todo o momento o filme coloca para nós a dificuldade do ato de conviver e os problemas sociais e individuais do ato de envelhecer. Teoricamente esta questão é tratada pela historiografia com certo desprezo. Todas as teorias querem se apresentar jovens, como se o tempo só fosse duro e cruel com as outras e não consigo mesmo. Neste sentido, uma teoria sempre permanece com a juventude de Dorian Gray enquanto as outras guardam para si o envelhecimento que o quadro da imagem dele carrega. Em uma entrevista, das muitas já proferidas, Zygmunt Baumann foi perguntado sobre envelhecer e prontamente respondeu: "sabemos o que nos espera". Essa assertiva do sociólogo polonês por mais que esteja diretamente ligada a certeza que os indivíduos possuem das ações do ato de envelhecer também alude para nossas questões teóricas. As teorias sofrem os mesmos desgastes naturais do tempo que nós sofremos. Voltar a questão central deste ensaio seria fundamental para refletir não aonde chegamos, mas para onde vamos. O ato de envelhecer.

Talvez, a primeira necessidade seja de autorreflexão. Envelhecer nos obriga a ter uma consciência de si que muitas vezes não acompanha a relação cérebro-corpo. Em alguns momentos somos surpreendidos por não possuir mais a elasticidade corporal de antes, a mesma memória, a mesma disposição de antes. É quando nos damos conta que envelhecer não é um ato teórico, mas sim, um ato prático que se sente no dia a dia. Acreditamos que com as teorias acontece algo muito semelhante. Com o passar do tempo e o desenrolar da história, pouco a pouco, ela vai perdendo sua plasticidade, seu poder de apropriação dos diversos e constructos reais. Isso não é necessariamente uma

KARL SCHURSTER

crítica. Outros aspectos vão sendo destacados com seu amadurecimento. Cada vez que a teoria vai sendo utilizada ela ganha as marcas do tempo e vai com isso ampliando seu poder de adaptabilidade, sua capacidade camaleônica de mudar de cor, de forma, para se adequar ao novo ambiente, como uma maneira de sobreviver aos constantes mundos em que se insere e está inserida.

Ainda cometemos os constantes equívocos de colocar as teorias num espaço de luta, onde conviver não seria possível. O embate não se dá num, hoje famoso, octógono onde apenas um lutador sai vencedor, mas a lógica é a mesma. Sempre uma teoria acaba prevalecendo sobre outras e anunciando prematuramente sua morte. Michel de Certeau tinha razão quando afirmou que os historiadores anunciam mais a morte que a vida. Quando damos sentido a um objeto e construímos uma teoria acabamos, mesmo que despercebidamente, matando o sentido de várias outras. Nossa difícil tarefa, no tempo presente, é aprender como conviver com tantas possibilidades teóricas sem, necessariamente, negá-las, e, como envelhecer sem apagar as marcas da experiência e ao mesmo tempo seguir se transformando para novos tempos presentes. O professor François Hartog nos deu uma dica quando mostrou a imperatividade do regime de historicidade, cabe a nós transformá-lo em prática.

Notas

^I Doutor em Sociologia (UF Pós Doutor em História, doutor em História Comparada pela UFRJ. Professor de Teoria e Metodologia da História da Universidade de Pernambuco e Bolsista do Yad Vashem/Jerusalém. Esse ensaio é parte integrante do projeto conjunto com o Grupo de Estudos do Tempo Presente da Universidade Federal de Sergipe e conta com o apoio da bolsa APV – FACEPE em parceria com o prof. Dr. Dilton Maynard.

^{II} ROBÉLIN, Stéphane. **E se vivéssemos todos juntos**. Imovison: França/Alemanha, 2012.

^{III} JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ARENDT, Hannah. **Julgamento e responsabilidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BÉDARIDA, François. **Histoire, critique et responsabilité**. Paris: CNRS, 2003.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- JAMESON, Fredric. **As marcas do visível**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- JUDT, Tony. **O século XX esquecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MAFESOLLI, Michel. **O instante eterno. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Rio Grande do Sul: Zouk, 2003.
- MEIRELES, Celília. **O romanceiro da inconfidência**. São Paulo: Global, 2012.
- SARTRE, Jean Paul. **As moscas**. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.
- WEBER, Max. **A política como vocação**. Brasília: Editora UNB, 2003.